

## Lixeiranomia

---

### Dumponomics

---

Michael Marder<sup>1</sup>

**Resumo:** *O presente artigo aborda o conceito de descarte como elemento socialmente compartilhado e a forma como ele engendra as relações sociais e com o meio ambiente. A partir de uma reflexão sobre o consumismo e sobre as formas avançadas do capitalismo, o artigo discute as influências das vicissitudes da corporeidade nas nossas formas de pensar. O descarte, nesse sentido, entranha-se nos mais diversos registros de existência, de forma a reproduzir os efeitos que têm nos elementos ambientais.*

**Palavras-chave:** *dumping; consumo; capitalismo.*

**Abstract:** *The present article approaches the concept of dumping as a socially pervasive, theorising the forms it engenders in social and environment relations. From a reflection on consumerism and on advanced forms of capitalism, the article moves on to discuss the vicissitudes of corporeality and their influence on our ways of thinking in the age of global dumping. Dumping, in this sense, is embedded in the most diverse strands of existence, so that it reproduces the same effects it has on the environmental elements in our forms of thinking, everyday living, and interacting with the world.*

**Keywords:** *dumping; consumption; capitalism.*

1 Universidade do País Basco (UPV). Vitoria-Gasteiz, Álava, País Basco.  
<https://orcid.org/0000-0002-2511-3402> E-mail: michael.marder@gmail.com

## Descartados

Todos os dias, estudos científicos, reportagens midiáticas e experiências viscerais a respeito do estado acelerado de degradação do meio ambiente nos atingem com força crescente e desconcertante. Há uma abundância de microplásticos na água potável e a previsão é de que, até 2050, a massa total de materiais sintéticos lançados no oceano ultrapassará a população de peixes. Grandes cidades em diferentes continentes adoecem sob a névoa de toxinas contidas na atmosfera durante os longos períodos de *smog* extremo. Incêndios consomem grandes faixas de floresta devido a uma combinação do aumento das temperaturas globais, secas, plantio de monocultura e pouco investimento (além da falta de vontade de confiar no conhecimento local) na prevenção de incêndios. A erosão e degradação do solo, que ameaça a saúde e fertilidade da terra, implica acidificação, crescimento das taxas de salinidade e toxicidade, além da diminuição da capacidade de nutrientes e a disponibilidade de oxigênio para plantar raízes.

Da mesma forma que essas tendências empíricas são preocupantes, elas também são um indicativo de uma alteração sutil nas condições delicadas que sustentavam a vida no planeta até agora. Água, ar, terra e até fogo (os quatro elementos que, apesar de admitirem outras adições, são compartilhados pelas tradições filosóficas e míticas) não correspondem às nossas representações mentais do que elas são<sup>2</sup>. A imagem mental criada por uma pessoa quando ouve a palavra “água” raramente inclui resíduos plásticos, cádmio, mercúrio e chumbo, coliformes fecais e hidrocarbonetos de petróleo. Ao pensarmos em ar, normalmente não o associamos com dióxido sulfúrico, óxidos de nitrogênio e matérias expelidas em queimadas ou em fábricas de combustível fóssil. O significado de solo não tende a compreender metais pesados, fosfatos, ácidos inorgânicos, pesticidas e nitratos, hidrocarbonetos aromáticos polinucleares, bifenilos policlorados, compostos aromáticos clorados, detergentes e radionuclídeos. Enquanto algumas mudanças são visíveis (por exemplo,

2 Para ser justo, é incerto que os elementos tenham sido capazes de aparecer como são de fato.

a manifestação de *smog* fotoquímico), a grande maioria passa em branco e não se apresenta a esfera da cognição.

A balança entre regra e exceção está desequilibrada. Em comparação ao passado não tão distante, quando a preocupação era voltada aos bolsões de poluição, hoje as condições ambientais normais são tais que ar, solo e água “pura” desviam da norma. Nós ainda precisamos alcançar no pensamento a estranha realidade das consequências cumulativas que as nossas tecnologias e economias geraram. A condição atual da água e de outros elementos apela para a necessidade de criar uma representação adequada do objeto alterado e um ajuste mental da parte do sujeito. Com tal ajuste, nós também faríamos justiça ao mundo que desaparece diante dos nossos olhos.

Apesar de a filosofia iniciar em espanto, ela também pode terminar em pavor. Se profundos o suficiente, esses dois estados mexem com o âmago de quem quer que esteja experimentando-os. Ao contrário da perspectiva complacente do mundo de acordo com as estruturas pré-fabricadas de entendimento, a filosofia, no sentido mais radical do termo, é um encontro com a existência, que acontece em uma atmosfera da aguda falta do entendimento. É essa característica que coloca os filósofos (me refiro à filosofia não como profissão, mas como vocação, um chamado, uma dedicação, um estilo de vida) fora de um estado de fadiga, além de uma familiaridade habitual com o entorno do sujeito, aparentemente indigno de tão pouco quanto um olhar de lado. Essa também é a qualidade que imbui a atitude filosófica com uma alegria e curiosidade infantil ou, na ponta oposta do espectro emocional, com medo e precaução frente ao desconhecido. Entre as reações possíveis às últimas transformações nos elementos e condições ambientais, uma abordagem desdenhosa, apoiada por governos, corporações e ideologias dominantes, não é uma opção viável. O gosto da filosofia por arranjar um rendez-vous sem paralelos com o mundo é indispensável hoje em dia, porque nós somos realmente confrontados por um mundo altamente desconhecido, esculpido pelos efeitos persistentes da atividade industrial, pela primeira vez no século XXI.

O que eu proponho é entrar em contato com a força única da disciplina capaz de abrir uma visão não ortodoxa do mundo, avaliando o que a Terra é e o que ela se tornou. Minha hipótese é a de que cada região elementar, cada domínio, incluindo crescimento e decrepitude das plantas, estão num estado avançado de conversão em um aterro para produção industrial e seus subprodutos, isso sem contar o consumismo e *seus* excessos. A liberação de grandes volumes de dióxido de carbono na atmosfera e o uso indiscriminado de garrafas e sacolas plásticas, redes de pesca, embalagens de alimentos, atualmente onipresentes nos ecossistemas marinhos, são suficientes para considerar um depósito (de lixo). Separado dessas práticas no tempo e no espaço, os seus efeitos – ou, seja, os resíduos – não são mais traços insubstanciais no ar e na água, mas sim forças que remodelam *habitat*, climas e meios elementares.

Supondo que nós não estamos apaziguados pelos clichês da incorporação das nossas vidas e corpos no contexto ambiental, com o qual estamos mutuamente constituídos, rapidamente descobriremos que o fato de que o meio ambiente está se tornando um aterro a céu aberto se relaciona diretamente com a nossa existência. Nossas dietas, possibilidades sensoriais e doenças estatisticamente prevalentes (câncer, doenças respiratórias, diabetes, e assim por diante) estão instigadas por uma mutação elementar. De tal maneira, que a corporalidade, o fato físico e fisiológico da incorporação, está totalmente implicada nas dinâmicas do depósito.

Se nós concordarmos mais ainda com o ponto de vista da mente integrada (ao invés de separada) ao corpo, veremos que as vicissitudes da corporalidade têm uma influência profunda na nossa forma de pensar. As ideias se condensam em palavras-chave arranjadas em correntes de livre associação; a enchente de informação submerge percepção e cognição ao mesmo tempo. A mente não é menos afetada que o corpo pela mutação elementar que ela provocou. O depósito penetra nas mais profundas fibras do nosso ser, os processos e eventos que criam o quem somos: nossa humanidade, animalidade e vegetalidade, nosso raciocínio e organicidade, sensação e percepção, capacidades nutritivas, emotivas e

de discernimento. Ao entranhar-se em diversos registros de existência, o depósito os embaralha, reproduzindo os efeitos que têm nos elementos ambientais.

### **As economias de dumping ou a utilidade arcana do inútil**

Ao terminar com um parceiro romântico, as pessoas se comportam como um ser humano de maneira pior que um objeto descartável: sem valor, o ex-amante se mistura com o lixo. De fato, enquanto o capitalismo avançado designa valores monetários até para coisas e atividades fora da esfera econômica *per si*, a hiperdesvalorização parece ser uma constante do depósito do lixo ontológico através de suas diversas encarnações. O lixo é recusado, posto fora e rejeitado. No entanto, a drenagem de valor do descartado não é sem utilidade. Por um lado, a lógica de desvalorização orchestra furtivamente a manipulação inescrupulosa do desvalorizado e o uso do que é considerado valioso. O jogar fora do desperdício deriva energia da queda do que cai massivamente. Por outro lado, o estado “sem valor” pode ser uma etapa congelada e indefinidamente suspensa de transvalorização, a transição incerta e inacabada dos valores obsoletos do passado para uma valorização flexível a seguir. Seja como for, outra positividade esconde sob a capa da negação.

A massa que é jogada fora não é só recuperada depois de sua queda e reintegrada aos circuitos de utilidade, como na reciclagem. Ao invés disso, ela é utilizada na medida em que é descartada, desperdiçada, considerada inútil. As economias de mercado admitem abertamente essas práticas. O dumping cíclico, estratégico, do comércio estatal, da expansão de mercado e da precificação predatória “cobrem a prática de exportar a preços abaixo do custo de produção” (WILLIG, 1998, p. 59). Ao desperdiçar propositadamente uma parte do valor incorporado na mercadoria, eles sacrificam algo que devem eliminar como uma perda para garantir as possibilidades de lucros no futuro. Os benefícios da desvalorização, incontáveis por planilhas regulares, precisam ser vistos

em uma perspectiva externa de contabilidade *quasi-transcendental*, que garante a possibilidade do sistema econômico como um todo.

O que se apresenta como uma perda pura no dumping é um ganho especulativo de futuras ações de mercado e poder de monopólio. Nesse sentido, a conclusão de Georges Bataille de que “a extensão do crescimento econômico em si requer a virada de princípios econômicos” (BATAILLE, 1991, p. 25) é perspicaz. No entanto, é imprudente pensar como ele quando diz: “se uma parte da riqueza (sujeita à estimativa grosseira) está condenada à destruição ou pelo menos ao uso improdutivo sem possível lucro, é lógico, ou até *inescapável*, ceder as mercadorias sem retorno [*céder des marchandises sans contrepartie*]” (BATAILLE, 1991, p. 25). “Sem lucro possível” e “sem retorno” é como o *dumping* deve aparecer nas planilhas da economia restrita de Bataille. Expectativas sub-reptícias de lucro e retornos de longo alcance além do investimento dado, dos ciclos de consumo e produção, motivam esta prática. Despesas generosas da economia geral e luxos sem sentido inundam as “margens de operações sem lucro” (BATAILLE, 1991, p. 26) reivindicando utilidade pelas nossas costas por meio da boa e velha astúcia da razão. Eles são governados pelas leis de um jogo de contabilidade que converte perdas em ganhos diferidos, diversão em trabalho duro, gasto em investimento, o menos em mais.

O aparente desperdício de dumping econômico é compreensível dentro da lógica do capital determinado a conquistar o mercado estrangeiro. Conforme os preços despencam, uma massa de mercadorias desvalorizadas é lançada aos consumidores na oferta de estabelecer um padrão de compra e um senso de dependência do item em questão. Tais maquinacões devem dar ao produtor uma vantagem competitiva em marketing e varejo. Mas, qual é o significado filosófico de vender algo abaixo do seu custo de produção? Será que isso não afirma, a curto prazo, a não reprodutibilidade do capital, uma certa morte econômica? Ainda assim, de forma hegeliana, será que isso não se alimenta, também, da morte, aproveitando o poder negativo da finitude e ocupando a posição de mestre, expressa na subsequente monopolização do mercado?

ARTIGO

Dumping coloca a economia geral a serviço da economia restrita e extrai o valor excedente da desvalorização. Para não ficar para trás, “a legislação antidumping” cria um paradoxo próprio. Nos EUA, depois que o Departamento de Comércio (DOC) recebe da International Trade Commission (ITC) uma queixa preliminar a respeito de dumping, emite questionários “a respondentes obrigatórios” nomeadamente os maiores produtores estrangeiros e exportadores da relevante mercadoria produzida nos países em questão. A papelada burocrática é tão extensiva que “responder a um questionário antidumping normalmente requer o desvio de recursos significantes da companhia e retém a expertise jurídica, contábil e econômica” (LINDSEY; IKENSON, 2003, p. 2). DOC combate fogo com fogo: ao denunciar um dump, o departamento multiplica o que ele opõe. Se fôssemos honestos ao lidar com o dumping, teríamos que analisar e subverter as fundamentações teóricas e práticas do capitalismo.

Para traduzir Marx na linguagem das leis do comércio neoliberal: sob o regime do capital, o trabalho é sempre uma mercadoria subvalorizada, não importa o quão “justo” é o comércio. Enquanto o capital existir, os proletários suportarão permanentemente o peso da desvalorização e vão vender a sua mão de obra abaixo do seu valor total. Com o aumento do precariado, os trabalhadores nem recebem o bastante para a reprodução das condições de produção, ganhando de volta abaixo do “valor das mercadorias concedidas todos os dias ao portador da força de trabalho para que ele possa renovar seu processo de vida” (MARX, 1976, p. 276). A existência do capital implica *ipso facto* que os trabalhadores são subvalorizados. O valor excedente, a mais-valia, ou a porção do valor do trabalho que ao invés de retornar ao trabalhador é investida no crescimento do capital, é equivalente à margem de dumping “que é calculada subtraindo o preço de exportação ao preço normal e dividindo a diferença (supondo que o resultado é positivo) pelo preço da exportação” (LINDSEY; IKENSON, 2003, p. 1). Tente substituir o salário no lugar ocupado pelo *preço de exportação* na equação, e o valor total criado pelo trabalho no lugar do *valor normal*. Você obterá a margem

real do dumping do capitalismo, sendo a única medida antidumping o comunismo, uma articulação do comum que resiste à desarticulação do acúmulo privado.

Na prática comercial do dumping, comércios se colocam temporariamente no lugar dos funcionários. Os comércios descartam uma parte do seu valor para recuperar mais que o investimento inicial nas balanças do poder econômico e da potencialidade. Os trabalhadores, ao contrário, não veem os seus blocos de tempo-e-vida voltar para eles como a empresa vê. O valor que, desviado deles, forja e reforça os meios de opressão deles cai como uma indiferenciada e indiferente massa, uma palavra que Marx frequentemente usa no seu *Das Kapital*. A massividade crescente é um aterro no qual os trabalhadores são descartados, recorrentemente, independentemente de suas capacidades únicas e do tempo de trabalho que colocaram. Mas há outro aterro, com contornos instáveis seguindo as bordas do primeiro. É o exército industrial (e, agora, pós-industrial) de reserva.

Abrangendo as massas desempregadas e cronicamente subempregadas, o exército-reserva de trabalhadores flutua conjuntamente com as necessidades de produção do capital, dilatando ou diminuindo de acordo com as fases de expansão e contração econômica. *Dentro* do processo econômico, a força de trabalho em excesso da capacidade total de emprego é inútil; desde a *relativa externalidade* da economia capitalista, este excesso interpreta um papel vital: “O exército-reserva industrial, nos períodos de estagnação e prosperidade média, pesa sobre o exército ativo de trabalhadores; nos períodos de superprodução e atividade febril, a reserva coloca um freio em suas pretensões” (MARX, 1976, p. 792). A massa daqueles ansiosos para trabalhar, mas sem emprego faz com que os salários caiam em proporção inversa ao crescimento do exército-reserva. Essa massa pesa nos trabalhadores ativos, como Marx diz, fazendo um dumping ainda maior nos salários que já são um dump em si. O crescimento do depósito humano, da dispensabilidade e inutilidade formal, é tão útil para o capital que este “não pode estar contente com a quantidade de força de trabalho descartável que rende o crescimento



natural da população. Requer, então, para sua atividade irrestrita, um exército-reserva industrial que é independente desses limites naturais” (MARX, 1976, p. 788).

As linhas separando o exército de trabalhadores ativos dos reservistas – o *dump* interno do externo – têm sido cada vez mais tênues ao longo dos cento e cinquenta anos desde a publicação do *magnum opus* de Marx. A relativa externalidade foi jogada para a interioridade econômica: desprovida da segurança econômica e forçada a trabalhar em contratos a curto prazo, a oferecer trabalhos voluntários e serviços de treinamento voluntário, e a trabalhar mais por benefícios percebidos do que um salário real, a força de trabalho flexível é uma reserva para o capital explorar sempre que achar necessário. A massa de reserva pesa no “exército ativo de trabalhadores” já não de fora, mas sim por dentro. O trabalho sofre desvalorização contínua, deixando ao capital derivar o seu valor do uso irrestrito do formalmente inútil. Ainda caindo, a mercadoria em *dumping par excellence* (quer dizer, o poder de trabalho) é sujeita a superdesvalorização depois de ser utilizada. A extração de valor do que já está desvalorizado, da energia liberada no impacto do *dumping*, é agora o modelo para instrumentalidade e uso em geral.

Condições de vida miseráveis, em outro sentido de *dump* em inglês, fazem parte do lançamento massivo do trabalho mercantilizado. Nos séculos XVIII e XIX, a proletarização ocasionou a urbanização, o rápido deslocamento de populações agrárias para os novos centros lotados de produção industrial em cidades que mais pareciam favelas. As massas de trabalhadores industriais colocados em áreas urbanas passam por “tal negação de toda a sensibilidade, tal confusão suja de corpos e funções corporais, tal exposição à nudez animal e sexual, que é mais bestial que humana”, nas palavras citadas por Marx de um relatório de 1866 sobre o estado da saúde pública (MARX, 1976, p. 813). Aplicada ao proletariado, a bestialização discursiva é um tema familiar na economia política clássica, tal como na obra de 1786, escrita por Joseph

Townsend, *Dissertation on the Poor Laws*<sup>3</sup>. E, na verdade, o relatório que entrou no *Kapital* de Marx emoldura tacitamente a bestialização da classe trabalhadora na obscenidade de lixo e do seu depósito: humanidade reduzida a funções corporais, uma “confusão de corpos”, “tal negação de toda sensibilidade”.

A gentrificação pós-industrial de áreas centrais da cidade desloca o depósito de lixo para outro lugar, por exemplo, as favelas – como nos *banlieues* parisienses, e o redistribui globalmente para pontos da industrialização contemporânea, como Bangladesh. Tão móvel quanto o próprio capital, o depósito de lixo urbano e suburbano é tanto horizontal, frequentemente coagindo estranhos para coabitar o mesmo apartamento, quanto vertical, empilhando famílias e indivíduos um em cima do outro em arranha-céus. No pior dos casos, a gentrificação abandona pessoas na rua, sem teto e expostas aos elementos. Em todos os outros casos, ela fornece um abrigo aos corpos que não é um refúgio<sup>4</sup>.

Não é de se admirar que o conceito de uso se tornasse tão contorcido. Nos falta acesso direto à utilidade por razões “genéticas” – porque uma coisa é necessariamente útil para algo que não ela mesma, apontando além do seu corpo em ser usado – e por razões historicamente contingentes – porque hoje em dia, considerações quantitativas e relações de troca mediam a utilidade desde o início. Visto através da câmera obscura do capital, o uso não tem utilidade, e fenômenos aparentemente inúteis são cruciais para o aumento do valor.

Propósitos e fins singulares desaparecem do depósito de lixo que é a nossa época. Se usarmos como recurso a linguagem de Nietzsche, o depósito está além do bem e do mal. A atitude tecnocrática, economista, voltada para a eficiência postula usos sem o bem, um conceito

3 “A fome doma os mais ferozes animais, ensina decência e civilidade, obediência e submissão aos mais perversos. Em geral, só a fome pode estimular e incentivá-los [os pobres] ao trabalho; ainda assim, as leis dizem que eles jamais passarão fome... A restrição legal é atendida com muito trabalho, violência e ruído... sendo que a fome não é apenas uma pressão pacífica, silenciosa, mas o motivo natural mais poderoso para a indústria e o trabalho, ela apela para os mais poderosos esforços” (in POLANYI, 1957, p. 113).

4 Sobre a distinção entre abrigo e refúgio, consulte: HEIDEGGER, M. *Phenomenology, Ecology, Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.

rechaçado por suas conotações supostamente teleológicas e obsoletas. **Apagada** está a intuição básica de que o uso sem o bem não é bom para nada.

### **O retrato de uma coisa como sua própria lixeira**

Vamos deixar para trás o panorama completo (e a esfera de produção) por um momento e considerar um modelo em miniatura do depósito de lixo, que nós encontramos no universo do consumidor. Nos Estados Unidos se pode observar como as compras são duplamente embaladas com zelo quase obsessivo. De copos de café de papel a sacolas plásticas de supermercado, você sempre recebe um excesso não tão simbólico com a compra. É possível citar razões pragmáticas para essa prática. Usar dois copos descartáveis de café previne que seus dedos queimem por conta da bebida quente (apesar de que um protetor de papelão – um objeto parcial que com sua própria incompletude demarca a ineficácia do objeto principal – pode ser usado com esse propósito). Colocar uma sacola dentro de outra faz com que a sacola não se rompa quando você levar as compras para casa, e assim por diante. Mas até explicações simples como essas apontam algo diferente do princípio da conveniência.

Na cultura da obsolescência, de mercadorias já produzidas e consumidas como lixo, as coisas não trabalham como deveriam. Para preencher as suas funções adequadamente, elas devem contar com suporte e reforço disponibilizado por outras coisas, frequentemente do mesmo tipo. Isoladamente, um copo de papel falha em segurar o líquido que contém e uma sacola plástica se desintegra, e é por isso que se introduz outro produto de má qualidade para fortalecê-los. Força em números compensa a fragilidade individual: o capital neoliberal transfere para arena das mercadorias o mesmo princípio que nega aos trabalhadores nas suas vidas profissionais, colocando-os uns contra os outros e interferindo na sindicalização do trabalho.

Estou ciente da cumplicidade silenciosa – literalmente: uma dupla embalagem comportamental – entre a geração industrial de lixo consumível e a recusa do consumidor a se comprometer a usar objetos

reutilizáveis que diminuiriam o desperdício dos nossos estilos de vida. (Isso também está mudando gradualmente, pelo menos a respeito de hábitos de consumo; em 2014, a Califórnia se tornou o primeiro estado dos EUA a criar uma lei banindo sacolas plásticas de uso único). Isso dito, o que me interessa é como o fenômeno da embalagem dupla, considerada normal no universo de consumo americano e suas extensões metastáticas a outras partes do mundo, encapsula a lógica de depósito do lixo além do antagonismo entre economia e ecologia. Como navegamos no desconcertante dobro do duplo e do singular, uma ocorrência ou uma coisa duplicada em si mesma e uma ruptura do horizonte repetível da experiência devido a esse redobramento material? Como as sacolas e copos duplos criam um mundo de uso único onde a finitude significa o fim, o término, è finita *la commedia*?

Antes de cortado ao meio, aproveita as pontas de uma corda superestendida, esticada entre o singular e o duplo, um em dois e dois em um. Você obtém algo assim:

1. *Macrossingularidade*. Sacolas, copos, lenços contendo fibras de plástico, e mundos nos remetem ao fragmento 89 de Heráclito: “Aqueles que estão despertos têm um mundo em comum [*koinos kosmos*], mas cada um daqueles que estão dormindo se retira para o seu mundo próprio e privado [*idios kosmos*]”. Esse fragmento ressoa, como um estranho duplo, com outro de Heráclito, “assim como é um monte de lixo [*sarma*] amontoado sem propósito, é também o mais belo mundo [*kallistos kosmos*]”. Um mundo dos sonhos é isolado e isolante. Na escuridão do sono, tal mundo brilha para cada sonhador separadamente, para o benefício de cada um individualmente, ou nem isso<sup>5</sup>. Se não houvesse nada além dessa fragmentação, o mundo seria uma pilha de lixo. (*Idios kosmos*)<sup>∞</sup> = *sarma*. Copos e sacolas duplas são indicações de caminho para o sonhado mundo de consumo

5 Jean-Luc Nancy contradiz Heráclito tacitamente quando ele postula que “tudo se reverte à equivalência geral em cada adormecido vale tanto quanto outro adormecido e cada sono vale tanto quanto todos os outros, cada um que apareça... Sono ou disparidades” (The Fall of Sleep. New York: Fordham University Press, 2009, p. 17). Para aqueles cuja perspectiva revela a si mesma? Como o sono vê a igualdade, “a medida comum a todos”? E isso é comunalidade ou a igualdade formal e indiferente do lixo?

privado, as indicações que superimpõem esses mundos ao comum, à ecologia, a qual eles quebram e aprisionam no isolamento idiótico (*idios*) do depósito. Ao macronível, o depósito de lixo consiste em singularidades acumuladas fortuitamente, independentemente de um ao outro e dos círculos do metabolismo planetário. Sendo assim, há uma assimetria temporal entre os artefatos desperdiçados-porém-duráveis e os processos ambientais: o instante de uso é seguido, no caso do plástico, por séculos de decadência.

2. *Microduplicação*. Esquematizaremos um pouco. Depois que você tira uma camada de embalagem, você descobre, como uma matrioska, uma segunda embalagem idêntica dentro dela. Uma sacola dupla (a expressão em si junta dois em um) e um copo duplo são coisas jogadas fora dentro de outras coisas e presumidamente segurando algo “real”, seja as compras ou uma bebida quente. Seus conteúdos são jogados dentro do que é jogado dentro do seu dobro em antecipação de ser jogado fora logo depois do fim da bebida ou de levar os produtos para casa. O lixo autorreplicado é uma casca a ser descartada quando eu recolher o núcleo valioso. Mas não tão rápido! O núcleo não está encerrado dentro de uma fachada meramente exterior; ao abordá-lo por fora, encontramos uma fachada por trás de outra fachada inútil, um deserto crescendo ao redor da mercadoria adquirida. No micronível, o descartado se divide em mais do mesmo.

Um copo duplo ou uma sacola dupla é uma coisa como sua própria lixeira, jogada em si mesma. O depósito de lixo, por sua vez, é massivo: começando com uma embalagem, aumenta a um fator de dois e então é multiplicado por x número de itens não reutilizáveis. Os conteúdos aparentemente valiosos são jogados ou despejados dentro dessa forma de lixo volátil, rapidamente espalhada, autoduplicante e, ao mesmo tempo, isolada. Lixos superficiais nos dizem mais sobre a ontologia do que os conteúdos preciosos. É como a água engarrafada cheia de microplásticos, muitos deles derivados da própria garrafa e tampa plástica. A embalagem é jogada dentro dos conteúdos que ela contém; nós definitivamente bebemos “a garrafa com a água” (WALKER, 2018, s.p.).

No acúmulo frenético que já está acontecendo dentro de uma sacola ou copo que não dialeticamente é dividido em dois (estou, claramente, fazendo uma alusão ao princípio de Mao Zedong, *yi fen wei er*, “um divide em dois”), então as consequências sociais, ambientais e globais são desastrosas. Note que o processo de divisão não é apenas reprodutivo. Nem é um resultado da iterabilidade, repitabilidade, a possibilidade de reinscrever ou remarcar uma marca singular ou um objeto. A duplicidade de uma embalagem jogada dentro do seu gêmeo idêntico – ou seja, jogada virtualmente em si mesmo – é semelhante à fissão atômica. Seria essa a projeção externa, material da autorrelação do *eu* e *eu mesmo*?

Na superfície, a embalagem dupla é o epítome da interconexão material das coisas, seja sob o título de *res extensa* ou *res cogitans*. De uma maneira silenciosa, essa duplicidade transmite que nada nem ninguém existe em isolamento dos outros, que a autonomia objetiva e subjetiva é ilusória. Não obstante, na sua autorrepresentação consumista, conjuga dois objetos que são cópias fiéis uma da outra, um criptograma da homogeneização do nosso mundo. O mesmo combinado com o mesmo, é, na verdade, o modelo da realidade, da comunicação e do pensamento massificados, impingido sob nós na era do aterro global. Articulados fisicamente, os dois são desarticulados ontologicamente, acumulados e descartados no clima da obsolescência obscena. Esta duplicidade é oposta ao princípio de Luce Irigaray “ser dois”, que implica o compartilhamento da e pela diferença (IRIGARAY, 2001, p. 12).

Se houvera alguma dúvida presente de que estamos lidando com mais do que apenas papel e plástico, devemos considerar a duplicidade como o *sine qua non* da significação. A unidade quebrada do signo consiste no significado e no significante, tomando o lugar de e em última instância substituindo o que o significante significa. Na obra de Durkheim, *Formas Elementares da Vida Religiosa*, o precursor da divisão do signo é o princípio do antigo animismo, onde uma coisa é, ao mesmo tempo, ela mesma e um receptáculo para *mana*, a alma que dá

vida e faz com que ela seja o que é (DURKHEIM, 1998, p. 50)<sup>6</sup>. Com a *mana*, a árvore é uma árvore e não é uma árvore; ela é ela a mesma coisa e um transbordamento de si mesma. Isso também se aplica ao sentido humano que, transbordando a materialidade do corpo que significa, sobrescreve as autossignificações da matéria, a qual Derrida deu o neologismo *arquiescrita*. O mundo é encantado porque, cheio de sentido, está transbordando em significações – em outras palavras, porque os seres não coincidem completamente com as imagens rígidas (ideias, conceitos) de si mesmos.

No processo de desencantamento, o que é duplicado é substituído por si mesmo, pela sua réplica exata, apesar de ser fisicamente presente, no local da sua substituição. Assim que o excesso de duplicidade material é incorporado à coisa, ela perde o seu sentido. Uma coisa é deficiente, inútil, e vazia de significado. Mais ainda se uma coisa for acrescida da mesma coisa<sup>7</sup>. Ora bem, dado que a síndrome da sacola dupla toca a vida humana em seu cerne, o que isso diz sobre a nossa realidade é que, percebidos desde o ponto de vista da “subjetividade automática” (Marx) do capital como sacolas e copos falantes, nós somos substituíveis em relação a outros, que são presumivelmente os nossos duplos. A promoção do trabalho em grupo e da cooperação em um lugar de trabalho capitalista não valoriza a interdependência mútua e o compartilhamento de diferenças; ela só abriga a substituição próstética de umas partes do capital humano defeituoso por outras, sempre à sombra da redundância (nos dois sentidos dessa palavra).

Ao segurar um copo dentro de um copo na sua mão, é esperado que você descarte essa coisa dupla praticamente despercebida quando você acabar com o seu café. Você fará uma boa ação se for reciclá-la (ou reciclá-las). Mas você vai agir com um atraso despercebido. Antes de qualquer ação da sua parte, você já recebe de uma barista uma coisa

6 “Once he [the primitive] arrived at the idea that man is a body that a spirit animates, then he must of necessity impute to natural bodies that same sort of duality, plus souls like his own. The phenomena of the physical world above all – the movement of the waters or of the stars, the germination of plants, the abundant reproduction of the animals, and the rest – are accounted for by the soul of things” (DURKHEIM, 1995, p. 50).

7 Essa falta de sentido não impede a lógica econômica de explorar esse defeito e lucrar com ele.

descartada dentro de si mesma. E essa oferta é nada menos que um convite sutil a descartar seu futuro, além do futuro possível do nosso planeta. O copo se torna o seu próprio lixo e a sua própria lixeira, descartado junto com os restos de sentido que tivera uma vez. Apesar de seu tamanho diminuto é uma lixeira para a pessoa que faz a sua bebida, para você que a bebe, e para o ambiente que nós todos temos em comum. Mais do que uma bebida quente, isso é o que você *consome*.

Não há quase nada mais lucrativo do que o depósito (de lixo, e não de luxo – quer dizer, de dinheiro em excesso a necessidade de uma conta bancária). Dentro das logísticas capitalistas descobertas por John Maynard Keynes, não seria mais lucrativo triplicar ou quadruplicar as coisas, inserindo um copo dentro de um copo dentro de um copo, e deixar com que o deserto, que é o depósito de lixo, cresça exponencialmente?

Não é suficiente só criticar, com escárnio e desprezo, o desperdício da embalagem dupla e seus efeitos adversos no meio ambiente. Mais que uma aberração, o fenômeno expõe elementos essenciais na criação das coisas e na condição humana na atual conjuntura histórica. As coisas não são autossuficientes, nem os humanos, cuja existência tem o caráter de ser jogada no mundo para nada, potencialmente desperdiçada. A questão é como lidar com essa interdependência endêmica ao ser. Nós não podemos por um fim à duplicidade de signos nem podemos prever a curva exata da jogada que é a vida humana. Mas podemos ir contra a tendência de duplicar o corpo da coisa à custa de seu significado e viabilidade ambiental. Com todo o nosso ânimo, devemos pressionar contra a determinação fatalista do depósito de lixo existencial, direcionado nesse momento histórico para a finalidade de desperdício útil.

## Referências

BATAILLE, G. *The Accursed Share: An Essay on General Economy*. New York: Zone Books, 1991.



- DURKHEIM, E. *The Elementary Forms of Religious Life*. New York: The Free Press, 1995.
- HEIDEGGER, M. *Phenomenology, Ecology, Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.
- IRIGARAY, L. *To Be Two*. London and New York: Routledge, 2001.
- LINDSEY, B.; IKENSON, D. *Antidumping Exposed: The Devilish Details of Unfair Trade Law*. Washington: Cato Institute, 2003.
- MARX, K. *Capital: A Critique of Political Economy*. London & New York: Penguin, 1976.
- POLANYI, K. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time*. Boston: Beacon Press, 1957.
- WALKER, T. “Bottled Water Not Safe from Microplastic Contamination”, *Deutsche Welle*, March 14, 2018. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/bottled-water-not-safe-from-microplastic-contamination/a-42936246>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- WILLIG, R. “Economic Effects of Antidumping Policy”. In: LAWRENCE, R. Z. *Brookings Trade Forum: 1998*. Washington: Brookings Institution Press, 1998.

## **Sobre o autor**

*Michael Marder* é professor de filosofia na Universidade do País Basco, em Vitoria-Gasteiz.

---

Data de submissão: 20/06/2018

Data de aceite: 24/10/2018